

## A JUVENTUDE, O CURRÍCULO E A GESTÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

---

Thiana do Eirado Sena de Souza<sup>1</sup>

Maria de Cássia Passos Brandão Gonçalves<sup>2</sup>

Benedito Gonçalves Eugenio<sup>3</sup>

### RESUMO

O processo de juvenização da Educação de jovens e adultos tem sido cada vez maior nos sistema de educação no Brasil. O presente artigo visa compreender como está sendo gestado o trabalho pedagógico para atender as especificidades de um público que teve acesso a escola, mas dela evadiu antes de concluir a educação básica e, que por motivos e razões diversas, mas por ainda acreditar no valor da escola, retorna em busca da conclusão e/ou certificação da educação básica. A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi realizada em uma escola quilombola da rede estadual de ensino da Bahia e contou com a entrevista narrativa para a construção dos dados. Foram entrevistados 06 jovens da EJA juvenil e a coordenadora pedagógica. As conclusões assinalam para a importancia de a escola considerar, na gestão e organização curricular, as demandas dos jovens, bem como as questões geracionais presentes na EJA atualmente.

**Palavras-chave:** Juventude. Educação de Jovens e Adultos. Currículo.

### THE YOUTH, THE CURRICULUM AND MANAGEMENT IN THE EDUCATION YOUNG AND ADULT

### ABSTRACT

The juvenilisation process of education of young people and adults has increasing in the education system in Brazil. This article aims to understand how it is being gestated the pedagogical work to meet the specifics of a public that had access to school, but it abandoned before completing basic education, but still believe in the value of school, returns in search of the completion and / or certification of basic education. The research, a qualitative approach was carried out in a maroon state school of Bahia and employed the narrative interview for the construction of the data. Have been interviewed 06 young and the educational coordinator. The conclusions point out to the importance of the school to consider management and curriculum organization, the demands of young people, as well as generational issues present in EJA.

**Keywords:** Youth. Young and Adults Education. Curriculum.

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia e Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (UESB). E-mail: thysena@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação (UNEB). Professora Assistente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: cassiauesb@gmail.com

<sup>3</sup> Professor Adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (UESB). E-mail: beneditoeugenio@bol.com.br

## INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos – EJA por muito tempo esteve atrelada a uma concepção assistencialista e compensatória de educação, garantida àquelas pessoas que por diversos motivos interromperam sua vida escolar na idade regular, atualmente, vem se configurando como um direito humano a partir da Constituição Federal de 1988, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB nº 9.394/96 e pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, desde o ano 2000, buscando romper a uma concepção de EJA que supere o caráter reparador e oportuniza pensá-la a partir das diferenças sócio-culturais dos seus sujeitos.

Contudo, é preciso destacar que nos últimos anos o público dessa modalidade vem sendo permeado por estudantes jovens, bastante hereogêneos ao analisarmos questões geracionais, culturais, sociais e étnico-raciais, conforme apontam os trabalhos de Corti, Freitas e Spósito (2001), Silva (2007; 2009), Eugenio (2010), Furtado (2014). Dados presentes no Caderno de Reflexões - Jovens de 15 a 17 anos no Ensino Fundamental (BRASIL, 2011) publicado pelo Ministério da Educação e Cultura, discorre acerca do aumento significativo de jovens nas turmas do ensino fundamental anos finais e ensino médio.

Os dados apresentados na publicação acima elencada, do Ministério da Educação, apontam que é cada vez maior a presença marcante dos jovens nas turmas da EJA do ensino fundamental do 6º ao 9º ano, residindo aí a necessidade de a escola repensar as trajetórias escolares de seus educandos, bem como o modelo atual de escola em que jovens com perfil social e cultural distintos são inseridos em uma modalidade educacional pensada em primeiro momento para um público adulto e idoso.

A organização do trabalho pedagógico na escola é efetivada com base na construção do Projeto Político-Pedagógico, documento que expressa a identidade institucional, sua concepção, a ação intencional de um coletivo de sujeitos que formam a comunidade escolar e que juntos pensam a escola não apenas no âmbito pedagógico, mas também na dimensão política de formação dos seus cidadãos (VEIGA, 2002).

A construção de propostas de organização e trabalho para a EJA devem ser pautadas na diversidade, ou seja, diversidade de sujeitos, de histórias de vidas, de aspectos culturais, raciais, de gênero, sexualidades, sociais, políticos e econômicos. Estes aspectos são relevantes na construção dos saberes e devem privilegiar a visão institucional acerca da educação desses sujeitos que por algum motivo interromperam seu processo de escolaridade, e que ao retornarem a escola trazem consigo conhecimentos do seu contexto que devem ser aliados ao conhecimento científico para que o processo ensino-aprendizagem seja significativo.

As transformações ocorridas na sociedade atual influenciaram o ambiente escolar e trouxeram novos desafios para a educação, dentre eles o reconhecimento desses jovens, inseridos na EJA, a partir do seu tempo e percurso social. São esses elementos que os legitimam como sujeitos de direitos ao conhecimento em sentido amplo, ou seja, da realidade social, das experiências humanas e dos saberes, valores e culturas.

Ao pensarmos os novos rumos da EJA no que tange ao perfil dos seus sujeitos, é preciso ter claro as diferenças quanto às expectativas e anseios de vida entre jovens e adultos, como destaca Oliveira (2004), ao afirmar que ambos são motivados por projetos individuais e coletivos, onde os adultos, por sua vez, estão inseridos no mundo do trabalho e das relações interpessoais de forma diferente das crianças e dos jovens. Até mesmo o processo de aprendizagem se constitui de modo distinto devido às habilidades e dificuldades apresentadas em cada ciclo da vida.

O processo de juvenilização vivenciado atualmente nas turmas de Educação de Jovens e Adultos retrata o fracasso escolar apresentado pelos jovens (a partir dos quinze anos) durante

sua vida escolar no ensino regular e que se transferem para a EJA na tentativa de darem continuidade aos estudos, espaço em que por vezes acabam mais uma vez excluídos da escola por não verem suas expectativas atendidas. Daí a relevância de se elaborar propostas educativas que atendam a este novo perfil da EJA com qualidade, levando em conta as necessidades de aprendizagem, os interesses juvenis e suas singularidades, ou seja, possibilitando a este uma educação de qualidade, que forme não apenas para o mundo do trabalho, mas também para a vida social e a emancipação humana (BRASIL, 2011).

É com base nesses pressupostos que indagamos acerca da gestão pedagógica das escolas de EJA: A modalidade da EJA é contemplada no Projeto Político Pedagógico da Escola? A escola pensa as especificidades e características dos sujeitos da EJA? Qual o lugar que os jovens ocupam nesta proposta? Existe um diálogo entre os conhecimentos escolares e a cultura juvenil? Quais os objetivos propostos para esta modalidade? Que aprendizagens a escola tem oportunizado aos estudantes jovens?

Essas questões são fundamentais para refletirmos sobre a atual situação da escola de EJA no que tange ao projeto pedagógico em que privilegia-se a lógica conteudista das disciplinas, da fragmentação dos saberes, em contraposição uma formação que proporcione a emancipação dos sujeitos em nome de uma educação capitalista que atende apenas a produção de mão de obra qualificada para a economia de mercado e controle político, favorecendo a disseminação de uma ideologia perversa baseada em promessas de melhoria de vida e ascensão social (MÉZÁROS *apud* SCÁRDIA, 2006).

Amparando-se nos estudos de Young e Freire, Gonçalves (2009) enfatiza que a função específica da escola é promover aos seus sujeitos a aquisição de conhecimentos que oportunize maneiras de se pensar o mundo. O presente artigo visa compreender como está sendo gestado o trabalho pedagógico para atender as especificidades de um público que teve acesso a escola, mas dela evadiu antes de concluir a educação básica e, que por motivos e razões diversas, mas por ainda acreditar no valor da escola, retorna em busca da conclusão e/ou certificação da educação básica.

## CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

A metodologia empregada para a realização da pesquisa aqui apresenta fundamenta-se na abordagem qualitativa por esta no possibilitar estudar os fenômenos envolvendo os seres humanos e suas relações sociais em diversos ambientes, reconhecendo e valorizando valores, crenças e a historicidade dos sujeitos partícipe da pesquisa. Nesta perspectiva, a referida pesquisa ancora-se nos princípios da entrevista narrativa, realizada com os jovens da EJA Juvenil e com a coordenação pedagógica da escola que se configuraram como essenciais na compreensão do fenômeno investigado.

A entrevista narrativa aqui empregada toma as contribuições de Jovchelovitch e Bauer (2002). Na entrevista narrativa, inicialmente o informante é encorajado a contar livremente sua história, organizando sua linha de pensamento sem interrupção ou perguntas pelo entrevistador. Após essa questão inicial, exatamente no momento em que o narrador dá sinais de que finalizará, o entrevistador faz perguntas que suscitem narrativas mais detalhadas sobre a história contada. Finalmente, procede a perguntas mais descritas que possibilitem detalhar a vivência do informante, assim como questões que permitam a criação de teorias sobre o objeto investigado.

A escola, campo desta pesquisa, funciona no turno matutino, com o Fundamental II (do 7º ano ao 9º ano) e o Ensino Médio Regular; o vespertino com o Ensino Fundamental II (do 6º ano ao 9º ano) e a EJA Juvenil, Tempo Formativo II, como instrumento de adequação da distorção idade/série; o noturno com o EJA, Tempo Formativo III, e o Ensino Médio Regular.

Conta com um quadro de 18 professores concursados, sendo 17 licenciados e 01 sem licenciatura. A instituição, considerada de médio porte é reconhecida como Escola Quilombola devido à comunidade local ser composta, majoritariamente, por negros descendentes de escravos. Em 2010, a escola passou por uma reforma financiada pela Superintendência de Construções Administrativas da Bahia (SUCAB), melhorando sua estrutura física, favorecendo a acessibilidade de seus estudantes e beneficiando-se de recursos tecnológicos favoráveis ao processo de ensino-aprendizagem.

Participaram diretamente desta pesquisa 06 estudantes da EJA Juvenil (Eixo IV – 6º e 7º ano e V – 8º e 9º ano), com idade entre 15 a 17 anos e a coordenadora pedagógica da escola. É necessário evidenciar que a EJA Juvenil é composta, na escola investigada, por duas turmas, com 19 alunos no eixo IV e 22 estudantes no eixo V. A escolha desses alunos obedeceu à faixa etária do desenvolvimento humano relacionado à juventude estabelecida nos documentos legais do Conselho Nacional de Juventude.

### **A JUVENTUDE CONTEMPORÂNEA**

Os “alinhamentos” e “desalinhamentos” vividos, na atualidade, pela juventude estão associados à sociedade contemporânea e as novas possibilidades de formação identitária de um grupo etário que diante as diversas transformações sociais, vêem-se seus lugares e papéis subjugados as incertezas e fluidez de uma fase da vida marcada por determinados problemas sociais (PAIS, 1990). Percebemos que o tempo biológico, muitas vezes, não se relaciona com as funções sociais a serem desempenhadas por essa juventude contemporânea.

A existência de regras sociais oportuniza se pensar em “duas juventudes”, isto é, como idade biológica e idade social. A primeira, relacionada às regalias inerentes a esta etapa da vida como o estudo, lazer, o tempo, o sonhar, a não responsabilidade do mundo adulto. A segunda insere os jovens nas profundas transformações da esfera da vida adulta, representadas pelas responsabilidades da família e do trabalho, antecipando e adquirindo um conjunto de compromissos do estatuto dos adultos.

Em provocativo texto, Bourdieu (1983) demonstra que a divisão de idades é arbitrária. Juventude e velhice, para esse autor, não são dados, mas construções sociais, resultando na complexidade das relações entre idade biológica e idade social. Essas ideias foram contestadas por Margulis e Urresti (1996), para quem Bourdieu, ao discutir a juventude, a desvincula de seus condicionantes históricos e materiais.

É nessa sociedade contemporânea, fundamentada na demanda do mercado de trabalho, cada vez mais perverso e competitivo, que observamos jovens configurados como adultos pelas regras sociais, impossibilitados de vivenciarem o desenvolvimento pleno da juventude. Os novos padrões tecnológicos, o sistema produtivo, a necessidade de um trabalho fixo e remunerado se configuram como problemas sociais enfrentados pela juventude atual. A entrada no mercado de trabalho se caracteriza como um dos problemas mais enfrentados pelos jovens, pois preconiza capacitação permanente dos sujeitos, postos de trabalho cada vez mais precários, dificultando o acesso a um emprego formal.

O desemprego juvenil nos evidencia dados alarmantes, no Brasil, metade da população de desempregados, são jovens, que acabam por prolongar a dependência do esquema de vida familiar. Ao traçarmos o perfil dos estudantes entrevistados nessa pesquisa, evidenciamos esta relação de dependência da estrutura familiar, boa parte dos jovens que estão na escola, são criados por seus avós e não adentraram o mundo do trabalho. Os membros das famílias que possuem trabalho formal recebem em média um salário mínimo, somando apenas 40% das pessoas com emprego de carteira assinada e garantias trabalhistas, os outros 60% não possuem emprego fixo, buscando serviços avulsos. Percebemos que a autonomia desses

sujeitos é adiada e relativizada, os jovens apresentam autonomia em esferas pontuais, mantendo-se dependentes da família para sua sobrevivência (NUNES; WELLER, 2006).

Os problemas sociais enfrentados ou reconhecidos como específicos da juventude são citados por Pais (1990) como vinculações de notícias e aspectos fragmentados da cultura juvenil definida socialmente. A sociedade determina a realidade dos jovens de maneira homogênea, a concepção e sentidos atribuídos a juventude são, muitas vezes, totalizantes, por isso, ser encarada como construção social quando volta-se para uma representação da sociedade, formulada em contextos particulares, sujeito a modificar-se ao longo do tempo.

As mudanças vividas nas últimas décadas trazem implicações no aspecto semântico do termo juventude a partir de dois eixos, a unidade e a diversidade. A unidade pressupõe uma fase de vida, um conjunto socialmente construído, definindo os sujeitos pertencentes em termos etários, diferindo-se da diversidade que se apresenta a partir das diferentes maneiras de viver a juventude. O reconhecimento da existência de múltiplas culturas juvenis, permeada por diversos interesses e inserções sociais, distinguindo-se uns dos outros, possibilita a utilização do termo juventudes no plural, por este compreender as distintas maneiras de “ser jovem” na sociedade atual (CHARLOT, 2007).

A redefinição dos papéis sociais desempenhados pelos jovens, com base em novos modelos de comportamentos, gera tensões e conflitos com o mundo adulto que passa a ser confrontados com os padrões de existência tradicionais. As diferentes maneiras de viver a juventude se apresentam como provocações e/ou desrespeitos ao mundo adulto, muitos padrões são colocados em questões. Discorrendo a partir dos estudos de Mannheim sobre gerações, Weller (2010, p. 209) destaca que nessa sociedade contemporânea, “diferentes grupos etários vivenciam tempos interiores diferentes em um mesmo período cronológico”.

As muitas transformações e problemas sociais vivenciados pelas juventudes na contemporaneidade chegam à escola trazendo um novo sentido ao conhecimento escolar, aos processos de socialização intergeracional, ao papel da escola na formação de sujeitos que necessitam enfrentar as responsabilidades do mundo adulto, quase sempre, desprezando a bagagem cultural construída por eles ao longo da sua trajetória de vida. É com base neste desafio de promover uma educação emancipatória que oportunize aos jovens a construção de um projeto de vida que leve em consideração suas experiências, continuidades, descontinuidades e percursos subjetivos, que a escola precisa desenvolver diálogos favoráveis a condição e cultura juvenil dando visibilidade e vozes a estes sujeitos em seu processo formativo.

## **A CULTURA JUVENIL E A EJA JUVENIL**

As transformações ocorridas na sociedade atual influenciaram o ambiente escolar e trouxeram novos desafios para a educação, dentre eles o reconhecimento desses jovens, inseridos na Educação de Jovens e Adultos - EJA, modalidade de educação, pensada a princípio para contemplar os adultos que por inúmeros motivos interromperam seus estudos da idade “dita” regular, e que ao longo do tempo, vem recebendo estudantes jovens, se configurando pela presença de um público bastante heterogêneo quanto às questões culturais e geracionais.

A cultura juvenil “invade” as escolas caracterizando os significados e comportamentos dos jovens, frutos de distintos contextos sociais e culturais, “desconfigurando” todo um modelo escolar tradicional e linear que não leva em consideração o tempo e espaço que esses sujeitos estão situados, excluindo-os da escola. A inserção da cultura juvenil no ambiente escolar, e especificamente, nas discussões em sala de aula é fundamental para a ressignificação do espaço escolar, oportunizando a formação de sujeitos críticos e reflexivos, autores do seu processo de aprendizagem e formação.

O processo de juvenilização vivenciado atualmente nas turmas de Educação de Jovens e Adultos retrata o fracasso escolar apresentado pelos jovens (a partir dos quinze anos) durante seu percurso escolar no ensino regular e que transferem-se para a EJA na tentativa de darem continuidade aos seus estudos, onde por vezes acabam mais uma vez excluídos da escola por não verem suas expectativas atendidas. Daí a relevância de se elaborar propostas educativas que atendam a este novo perfil da EJA com qualidade, levando em conta as necessidades de aprendizagem, os interesses juvenis e suas singularidades, ou seja, possibilitando a este uma educação de qualidade, que forme não apenas para o mundo do trabalho, mas também para a vida social e a emancipação humana (BRASIL, 2011).

Na escola campo de pesquisa, a EJA Juvenil (Tempo Formativo II) atua com a finalidade de diminuir a distorção idade-série no turno vespertino, tendo como público estudantes que em sua trajetória escolar acumula reprovações e desistências. Vale ressaltar, que durante o processo de entrevista pudemos constatar que a maioria dos estudantes em média tinham 2 (dois) anos em distorção idade-série. O fator/motivo de escolha por esta modalidade também foi questionada aos estudantes<sup>4</sup> no momento da entrevista, tendo como resposta as seguintes afirmativas:

1. *“Não foi eu não, o colégio que me colocou no eixo, acho que porque da idade” (FRANCISCO, EIXO V).*
2. *“Por que eu era criança, perturbava demais, aí eu perdi e ficava perdendo de ano....agora tô tentando passar para ver se eu vou para o exercito” (ANDRÉ, EIXO IV).*
3. *“Pela idade... eu tinha 15 para fazer 16, foi uma proposta da escola” (CARMEM, EIXO V).*
4. *“Por que eu perdi dois ano no CPM (Colégio da Polícia Militar) aí eu decidir vim praqui” (JOAQUIM, EIXO V).*
5. *“Por que é melhor, avançar mais as série”(VICENTE, EIXO IV).*
6. *“Por que eu fiquei 2 anos na 5ª e um na 6ª. Aí me colocaram para o eixo(PEDRO, EIXO IV).*

Ao analisarmos as falas dos jovens matriculados nas turmas da EJA Juvenil, podemos inferir que alguns optaram por esta modalidade de educação devido à possibilidade de aceleração dos estudos, entretanto, outros sinalizam que por conta da idade a própria escola “sugeriu” que estes estudassem na EJA Juvenil, que compreende o Tempo Formativo II, correspondente ao Ensino Fundamental II dividido em eixo IV e eixo V. O primeiro contempla o 6º e 7º anos, o segundo, o 8º e 9º anos.

Ao questionarmos a coordenação pedagógica da instituição sobre a proposta de implementação dessas turmas, a coordenadora nos relata o objetivo de criar estas turmas nos abordando as dificuldades encontradas nesses 2 (dois) anos de implementação. Alunos de 15 anos se encontravam cursando a 5ª série (6º ano) com estudantes de 11 anos, a diferença quanto à faixa etária era segundo a mesma *“muito grande”*, o que despertou na direção da escola o interesse e viabilidade de firmar uma proposta de EJA Juvenil buscando atender as especificidades de um público com outros anseios e perspectivas. Apesar de relatar a dificuldade de implementação, por esta modalidade, preconizar a necessidade de formação

---

<sup>4</sup> Os nomes dos estudantes foram preservados nesta pesquisa, utilizaremos nomes fictícios.

docente para trabalhar com esse perfil de aluno, o desenvolvimento de um trabalho interdisciplinar e contextualizado com a vivência de cada aluno, a sensibilidade da escolar em se pensar e formalizar uma turma de EJA Juvenil nesta escola, nos aponta os novos percursos da Educação de Jovens e Adultos que entende e reconhece a presença marcante da cultura juvenil, buscando redefinir sua organização pedagógica, assim como, os processos formativos desses sujeitos frente as rápidas transformações da vida social.

Nesse movimento de ressignificação dos espaços, os jovens da EJA Juvenil reestruturaram os espaços físicos, dotando-os de significados e interesses próprios. Durante a observação na escola, notamos que nos horários vagos de aulas, por conta da falta de um professor, o refeitório aparece como um ambiente bem familiar de encontros, conversas, jogos e brincadeiras por parte da juventude. Outro fator que nos chama atenção é o estilo juvenil, sempre identificado com óculos de sol, correntes grossas douradas e/ou prateadas, anéis grandes, escutando músicas (funk) por meio de tablets e aparelhos celulares.

A preferência pelo gênero musical conhecido como funk, é discutido por Dayrell (2003) enfatizando que esse gênero apresenta em suas letras o cenário social da juventude contemporânea, representando seus valores e comportamentos como um estilo de vida singular. Por meio das vivências da condição juvenil, esses jovens matriculados em uma turma de EJA Juvenil, criam novas práticas de sociabilidade, constroem diferentes relações sociais e utilizam símbolos que definem espaços próprios, dotados de significação e identidades positivas. Vale destacar, que essa juventude atual, expressa os costumes e práticas sociais do meio ao qual está inserido, sendo relevante conhecer sua cultura para compreender o sentido dado por ele a sua trajetória de vida.

O sentido de estar na escola, para estes jovens, vai além do aprendizado de conteúdos científicos, esse contexto formativo, fundamenta-se em espaços de socializações, de comunicações, trocas de experiências, convívio e conflito com outras gerações. As relações interpessoais e intergeracionais, também são apontadas na pesquisa como fator de rebeldia e não identificação com as interferências do mundo adulto. As relações com funcionários da escola são tensas pela incompreensão dos interesses juvenis, bem como, pelas atitudes contrárias dos estudantes acerca das regras e normas estabelecidas pela instituição. Os valores éticos dos adultos destoam do “mundo juvenil”, gerando, muitas vezes, brigas, agressões verbais, atos de vandalismo, dentre outros.

Os atos de violência que foram citados pelos estudantes relacionam-se ao convívio juvenil, a demarcação de seus territórios e a não existência de laços de amizade com determinados grupos, principalmente, por parte do sexo masculino.

1. *“Querendo dá uma de gostoso Francisco Souza, eixo V, me acertou a cadeira. Cabou...” (JOAQUIM, EIXO V).*
2. *Muitas brigas. Já teve, só umas dez, mas teve. Esses dias me deu vontade de bater num menino ai eu fui e deu uma voadora nele. O menino deu um murro na cara do meu irmão ai eu só fiz revidar. Dei uma bicuda por cima da cara. Tomei uma advertência, só entrava com a mãe. Falaram também que o menino é doido, mas para bater nos outros ele não é doido...somente isso professora (VICENTE, EIXO IV).*

Uma das garotas entrevistada, enfatiza que *“não pode passar e nem olhar para o outro que diz que já vai matar, trazer a armar. Não existe triscar na pessoa e falar que foi sem*

*querer, já fala que vai trazer uma faca, que vai pegar lá fora..”* (Carmem, eixo V). Essas atitudes de violências vivenciadas pelos jovens, na sociedade atual, são atribuídas por estudiosos como Koury (2011) à incerteza do futuro, à ineficiência das políticas sociais de inclusão e ao processo de exclusão social que acabam por implicar em atitudes de agressões em relação não apenas ao outro, como a si próprio.

Assim, no ambiente escolar, o reconhecimento da cultura juvenil torna-se fundamental para a superação de uma educação feita para os jovens, e sim, na oportunidade de realizar uma educação pensada por seus sujeitos, a partir de seus interesses e necessidades. Precisamos efetivar uma educação que aborde os problemas sociais da juventude contemporânea, criando meios para a superação destes, formando cidadãos conscientes e críticos dos desafios que enfrentarão em sua vida social.

### **A ESCOLA/SISTEMA EDUCACIONAL E AS JUVENTUDES**

Sem dúvidas, a presença de sujeitos cada vez mais jovens na EJA, traz inúmeros desafios à proposta político pedagógica da escola. Apesar de o governo estadual ter criado uma proposta para a Educação de Jovens e Adultos, estruturada no papel, na prática as escolas ainda vivenciam essa modalidade de forma muito marginalizada, “esquecida” pelo sistema. Como exemplo da invisibilidade sofrida pelos estudantes da EJA, no Sistema de Gestão Escolar disponibilizado na plataforma de educação do governo, para serem informados dados da vida do estudante, o espaço para EJA é anulado, apenas um relatório descritivo é realizado pela escola ao final do ano letivo, contendo informações acerca de aprovação (processo construído) e reprovação (processo não construído).

A Secretaria de Educação do Estado da Bahia – SEC/BA no que concerne a essa modalidade de educação desenvolve o *Projeto de Educação de Jovens e Adultos: Aprendizagem ao longo da vida*, organizado em três tempos formativos intitulados de “Aprender a ser”, “Aprender a Conviver” e “Aprender a Fazer”, equivalendo-se, respectivamente, ao 1º Segmento e 2º Segmento do Ensino Fundamental e ao Ensino Médio. Em seu texto, evidenciamos aspectos relacionados à garantia dos direitos de jovens, adultos e idosos a educação básica, a identificação da faixa etária que compreende o perfil dos estudantes e educadores, a formatação da estrutura curricular e o acompanhamento do percurso de aprendizagem dos alunos matriculados (BAHIA, 2009), entretanto, apesar de se embasar em princípios do fazer junto, da dialogicidade e fomentar o reconhecimento dos saberes do educando, a EJA não conta em seu desenvolvimento cotidiano com um articulador que pense o trabalho pedagógico nas diversas áreas do conhecimento.

A formação dos docentes que atuam na EJA Juvenil também é vista com bastante preocupação pela coordenação da escola, que alega a *“falta de preparo dos professores que vão atuar na EJA”*, principalmente, por esta privilegiar o público mais jovem. Ainda em seus relatos, ela cita a importância desses profissionais realizarem um curso, porém, *“um curso voltado para a prática e não apenas o teórico”*. Talvez essa dificuldade em lidar ou mesmo desenvolver um trabalho mais articulado entre o conhecimento científico e a vida cotidiana desse jovens, permeia as relações tensas entre professores e aluno na escola pesquisada. Os professores, embasados, muitas vezes inconscientemente, da sua autoridade docente, a partir das relações de poder que estabelece entre um currículo rígido, inflexível e a realidade apresentada pela cultura juvenil, são contestados pelos sujeitos sociais que estão na escola.

Ainda assim, um dos grandes desafios citados pela gestora pedagógica da escola está no desenvolvimento de uma prática docente interdisciplinar, que não fragmente o conteúdo trabalho nas disciplinas; contudo, ela discute o processo de formação desses profissionais que sem nenhum conhecimento sobre a EJA durante sua graduação que os forma para o ensino,

em meio ao mundo do trabalho, acabam por se deparar em uma modalidade educacional mais ampla e complexa que tem como diferencial o trabalho a ser desenvolvido, não voltando apenas para o ensino, mas como afirma Dayrell (2002, p.40):

ao se referir á “educação” está implícito que a tradição da EJA sempre foi muito mais ampla que o “ensino”, não se reduzindo á escolarização, á transmissão de conteúdos, mas dizendo respeito aos processos educativos amplos relacionados á formação humana, como sempre deixou muito claro Paulo Freire. O nome, ao se referir a “jovens” e “adultos” está explicitando que esta modalidade de ensino abrange a sujeitos, e não simplesmente a “alunos” ou qualquer outra categoria generalizante, e mais: a sujeitos que estão situados num determinado tempo da vida, possuindo assim especificidades próprias.

O que está explícito na citação acima é que a EJA Juvenil não se resume apenas a escolarização dos sujeitos jovens matriculados nessa modalidade, como modalidade de educação, ela prevê uma formação integral de pessoas que mesmo jovens, já trazem para o contexto escolar uma bagagem cultural e um percurso escolar rico se bem usado pela instituição propulsora dessa formação. É neste sentido, que o currículo escolar e o Projeto Político Pedagógico da EJA, e especificamente neste trabalho, a EJA Juvenil, deve favorecer um trabalho pedagógico voltado para os interesses e anseios da categoria juvenil, expresso em seu comportamento, na forma de se vestir, nas músicas que ouvem e nos “guetos” aos quais fazem partes.

É preciso “dar vozes” as juventudes, principalmente, levando em conta suas especificidades e interesses na construção do currículo escolar. Segundo Miranda (2010, p. 4) “a organização do trabalho pedagógico na EJA fixa-se em critério técnicos, científicos e reprodutivistas, daí o choque com a realidade juvenil que manifesta-se, involuntariamente, contra o modelo social, econômico, político e cultural vigente”.

Um dos fatores de inadequação dos jovens a proposta curricular da EJA é que está, feita de maneira “encomendada”, não oportuniza a cultura juvenil e os interesses dessa categoria social como podemos analisar em nossa pesquisa. Em entrevista com os alunos da instituição, uma das perguntas relacionava-se a prática de esportes. Faz-se necessário ressaltar que todos os partícipes relataram jogar futebol, até mesmo a garota. O interessante, que a matriz curricular da EJA Juvenil não contempla a disciplina de Educação Física, contemplando apenas as disciplinas de Português, Matemática, História, Geografia, Ciências, Artes e Inglês.

Ao indagarmos a coordenação pedagógica sobre o planejamento das atividades privilegiando as características juvenis e a identificação dos jovens com o esporte, esta respondeu: *“a gente abre um espaço dentro da própria grade deles, para eles terem o momento deles de esporte, mesmo que a grade não contemple, porque a grade da EJA não contempla Educação Física, mas a gente propõe”* (COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA). Esta afirmação nos leva a refletir sobre a construção curricular levando em conta autonomia escolar, caso o currículo fosse construído pelos seus próprios sujeitos. Se o esporte está presente na comunidade local onde os estudantes moram e faz parte do interesse individual e coletivo dos educandos, sendo oportunizado de forma informal pela instituição, por que não fazer parte matriz curricular desses jovens?

Talvez por haver uma relação rígida entre educação e mercado de trabalho que está implícita nos currículos escolares, onde o Estado não preconiza a formação de sujeitos críticos,

mas sim, a formar mão de obra que atenda um modelo de produção capitalista prevendo na matriz curricular da EJA disciplinas conteudistas, organizadas em um currículo que privilegia a certificação rápida.

As Diretrizes Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos ao tratar sobre a organização curricular nos acena para uma construção de identidade própria dessa modalidade, definindo os seguintes indicativos:

- As especificidades de tempo e espaço para os seus educandos;
- O tratamento presencial dos conteúdos curriculares;
- A importância em se distinguir duas faixas etárias (jovens e adultos) consignadas nesta modalidade de educação;
- A formulação de projetos pedagógicos próprios e específicos dos cursos noturnos regulares e os de EJA (BRASIL, 2000).

A análise dos indicativos acima permite influir acerca da importância de contextualização do currículo escolar aliando aos conhecimentos globais os saberes locais numa “relação dinâmica, dialética e dialógica entre contexto histórico-social-político e cultural e o currículo como um todo, concebido como um processo em constante construção que se faz e se refaz” (COSTA; MENEZES, 2010, p. 8). Assim, podemos discutir sobre a relevância de contextualizarmos o currículo da EJA Juvenil com a realidade e vivência dos estudantes. As atividades diversificadas que rompem com os espaços da sala de aula da EJA, são bem recebidos pelos jovens, principalmente, por essas contemplarem a identidade da comunidade local.

Os Jogos Intercolegias realizados pela escola foram citados por Francisco (Eixo V) como uma iniciativa positiva, apesar de ele não ter participado: “Os jogos internos eu não participei, mas é bom. Porque eu não fui chamado, escolhido”. A participação dos educando nos projetos realizados pela escola é visto por Carla como significativo. Em sua fala ela aborda:

*Todos os trabalhos voltados para a questão cultural da escola, todos os projetos que acontecem dentro da escola e que são elaborados de 5ª a 8ª série são adaptados para a EJA também, eles podem participar de tudo que a escola propõe, Feira de Ciências, Gincana Cultural, agora vamos ter no dia 18 a Mostra Cultural eles também participam, tudo que a escola propõe voltados para a questão cultural que é deles mesmos, eles participam (COORDENADORA PEDAGÓGICA).*

As falas acima citadas demonstram que ao contextualizar o currículo, a educação se caracteriza como um espaço de formação de seres humanos, com referências culturais e específicas com uma intencionalidade educacional definida e garantida, pressupondo a formação identitária do sujeito crítico que age sobre a sociedade na qual é parte integrante. Ainda discorrendo sobre a importância das atividades/projetos desenvolvidos na escola de maneira contextualizada, durante a observação pudemos evidenciar a empolgação dos alunos na organização do espaço escolar para Feira de Ciências, em um dos dias aconteciam às oficinas para produção do material a ser exposto no dia do evento.

Dia bem movimentado na escola, as turmas estão se preparando para a Feira de Ciências, os alunos do ensino “regular” vespertino apresentarão oficinas de construção de brinquedos, educação financeira, horta escolar e paisagismo. Os alunos do eixo (EJA Juvenil) serão distribuídos entre as oficinas de modo igual, como explica um cartaz exposto no refeitório da escola. Os estudantes se aglomeram neste local conversando bem entusiasmados, alguns trazem sacolas com materiais recicláveis que devem ser utilizados as atividades práticas (DIÁRIO DE BORDO).

Fato é que as atividades diversificadas que rompem com a lógica conteúdista das disciplinas são bem aceitas pelos sujeitos envolvidos no ambiente escolar, entretanto, as atividades desenvolvidas em sala de aula são alvo de grande resistência por parte dos estudantes. Questionados sobre as propostas de atividades/trabalhos desenvolvidos que não despertam interesse e motivação, muitos definem as aulas como “chatas”:

1. *As aulas de Inglês, história, Ciências são chatas porque eles não ensinam muita coisa, não tem energia para poder ensinar para os alunos... e a gente não aprende quase nada (ANDRÉ, EIXO IV).*
2. *Chato é as aulas de Ciências, História, são as mais chatas que tem... a gente não pode ficar um minuto fora da sala que a vice já tá abusando... (VICENTE, EIXO IV)*
3. *Chato é ter que suportar a prosa de alguns colegas e professores. Tipo de ensinamento que dá que não tem nada haver com o assunto. De vez em quando Ciências e Histórias fala uma coisa aqui e pula para o norte... (CARMEM, EIXO V)*

As dificuldades quanto o trabalho pedagógico em sala de aula são apontadas pela coordenação alegando que:

*quando o trabalho é voltado para sala de aula é ali que não flui. São meninos que o histórico deles de sala de aula não deixou neles uma marca positiva, deixou neles uma marca negativa e eles carregam isso e a cada momento na sala de aula é uma dificuldade de se trabalhar de dá uma aula inteira nos eixos, tanto no eixo IV quanto também no V (COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA).*

Na verdade, os estudantes não vêem significância nos conteúdos científicos trabalhados em sala com sua realidade. Um aspecto interessante citado por eles ao relacionaram os saberes aprendidos na escola com sua vida social está ligado aos valores humanos transmitidos por alguns professores, como nos salienta Joaquim (Eixo V) ao afirmar que a “*lição de vida que alguns professores passam na sala...*” acaba marcando seu comportamento e atitudes fora do ambiente formalizado de educação. Francisco (Eixo V) é mais redundante e comenta ser “*A educação que eles (professores) dão pra nós*” a contribuição mais significativa dos conhecimentos vistos no contexto escolar que é mais significativo para o seu cotidiano.

Enfim, o currículo e organização pedagógica da escola devem dar vozes aos sujeitos pertencentes à comunidade escolar, em um processo colaborativo e participativo em que segundo Freire (1987, p. 45) “o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens”. Assim, o papel da educação é o de transformar sujeitos e mundo em algo melhor, a partir das imagens que uns tem dos outros.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a Educação de Jovens e Adultos atualmente é compreender a partir de um público cada vez mais jovem, as inúmeras transformações e construções etárias, sociais e culturais que permeiam a sociedade contemporânea e reflete no processo formativo dessa juventude. As demandas e responsabilidades do mundo adulto homogeneizam o sentido dado à juventude, não levando em consideração os fluxos, descaminhos e possibilidades apontados por esses sujeitos, construtores de histórias de vida únicas e singulares.

A juvenização da EJA traz para a escola a vivência dessas muitas juventudes e a “desconfiguração” de um espaço baseando, anteriormente, num modelo tradicional e excludente que não pensa os jovens com base em seus tempos e espaços. A juventude é excluída ou, por vezes, esquecida em seu caminho formativo, os diversos agentes escolares não levam em consideração o perfil deste público no desenvolvimento de ações pedagógicas que oportunize a cultura juvenil.

O trabalho aqui apresentado buscou conhecer e discutir a gestão do trabalho pedagógico estruturado em turmas de EJA, organizadas para atender uma demanda juvenil, com novos sujeitos e novas culturas. Ao propor turmas de EJA Juvenil, sem dúvida, a escola reconhece a presença significativa desses jovens em seu cotidiano, associando o ser jovem à organização pedagógica, mesmo relatando as dificuldades na relação com essa categoria social que se difere das demais diante as muitas maneiras de se expressar e transformar os espaços compartilhados.

As questões discutidas durante o processo investigativo oportunizam conhecermos como a EJA Juvenil é contemplada no Projeto Político Pedagógico da instituição, bem como, as tensões e conflitos caracterizados a este público que, muitas vezes, não são contemplados na organização curricular da EJA. Os desafios que norteiam esse caminho ainda são muitos, a saber: a demanda do mundo juvenil, a não participação das famílias dos jovens em seus processos escolares, o estilo juvenil, as relações interpessoais e intergeracionais conflituosas, a inadequação da proposta pensada nos documentos estaduais para a EJA com a realidade cotidiana dessa modalidade, a formação docente para atuação com um público heterogêneo e a necessidade de planejar ações e atividades privilegiando as características, perfis e identificações da juventude contemporânea.

Mesmo com todos estes desafios, destacamos como ponto significativo o diálogo entre a gestão pedagógica com os estudantes da EJA Juvenil, demonstrando as possibilidades, dificuldades e proposições para o desenvolvimento de um trabalho mais efetivo e contextualizado dentro e fora da sala de aula. Evidenciamos que os dados construídos nessa pesquisa dizem respeito a determinados sujeitos situados em um tempo histórico e com histórias de vidas singulares, e por isso, se configuram como dados preliminares em meio aos diversos desafios que configura a gestão do trabalho pedagógico da Educação de Jovens e Adultos, frente ao reconhecimento da cultura juvenil que se faz presente nas salas de aula dessa modalidade educacional. Entender a cultura juvenil e a influência desta no dinamismo e complexidade escolar é fundamental para se pensar em um currículo dialogado que privilegie a realidade social, as experiências humanas e os saberes, valores e culturas dos sujeitos da EJA.

## REFERÊNCIAS

- BAHIA, Secretaria da Educação. Educação de Jovens e Adultos: Aprendizagem ao longo da vida. Salvador: 2009.
- BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. In: \_\_\_\_\_. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRASIL. Ministério da Educação. Jovens de 15 a 17 Anos no Ensino Fundamental. Caderno de Reflexões. Brasília: 2011.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Diretrizes Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília. 2000.
- CARVALHO, R. V. A juventude na Educação de Jovens e Adultos: uma categoria provisória ou permanente? Anais 9º Congresso Nacional de Educação/ 3º Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. Paraná, 2009.
- CHARLOT, B. Valores e normas da juventude contemporânea. In: PAIXÃO, L. P.; ZAGO, N. (Orgs). Sociologia da Educação: pesquisa e realidade brasileira. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 2007. p. 203-221 .
- CORTI, Ana P.; FREITAS, M.V.; SPOSITO, M.P. O encontro das culturas juvenis com a escola. São Paulo: Ação Educativa, 2001.
- COSTA, T. D. da; MENEZES, A. C. S. Educação de Jovens e Adultos na perspectiva dos sujeitos e do currículo. Anais I Congresso Internacional da Cátedra da UNESCO de Educação de Jovens e Adultos, João Pessoa-Paraíba, 2010.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação. n.24, p. 40-52, set/out/nov/dez, 2003.
- \_\_\_\_\_. Juventude, produção cultural e escola. Caderno Pedagógico, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 40-54, 2002.
- EUGENIO, B.G. Práticas curriculares na educação de jovens e adultos. São Paulo: Publit, 2010.
- FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FURTADO, Q.V.F. O lugar do jovem na educação de jovens e adultos: perspectivas teóricas para seu estudo. Revista EJA em Debate, ano 3, n.5, p.159-173, 2014.
- GONÇALVES, M. DE C. P. B. Educação Profissional de Pessoas Jovens e Adultas: novo campo da profissionalidade docente. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós- Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- JOVCHELOVITCH, Sandra.; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- KOURY, M. G. P. Medos urbanos e mídia: o imaginário sobre juventude e violência no Brasil atual. Revista Sociedade e Estado, v. 6, nº 26, Set/Dez, 2011.
- MARGULIS, M.; URRESTI, M. La juventud és más que una palabra. In: MARGULIS, M. (Org.). La juventud és más que una palabra. Buenos Aires: Biblos, 1996.
- MIRANDA, J. dos R. A organização do trabalho pedagógico na Educação de Jovens e Adultos e os seus sujeitos: tecendo considerações. Anais do I Congresso Internacional da Cátedra da UNESCO de Educação de Jovens e Adultos, João Pessoa-Paraíba, 2010.

NUNES, B. F.; WELLER, W. A juventude no contexto social contemporâneo. Estudos de Sociologia. Rev. do Progr. de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE. v. 9, n. 2, p. 43-57, 2006.

OLIVEIRA, M. K. de O. Ciclos de vida: algumas questões sobre a psicologia do adulto. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 211-229, maio/ago. 2004.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. Análise Social, v. XXV, n.105-106, p. 139-165,1990.

SCÁRDIA, M. P. Educadoras populares e EJA: saberes, formação e trabalho pedagógico. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

SILVA, N.N. Afinal, todos são iguais? Eja, diversidade étnico-racial e a formação continuada de professores. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

\_\_\_\_\_. Juventude, EJA e relações raciais: um estudo sobre os significados e sentidos atribuídos pelos jovens negros aos processos de escolarização na EJA. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

VEIGA, I. P. A. Projeto Político-Pedagógico da escola: uma construção coletiva. In :VEIGA, I. P. A. (org) Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. 14. ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2002.

WELLER, W. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. Revista Sociedade e Estado, v. 25, n. 2, maio/agosto, 2010.